



## SER OU NÃO SER HUMANO? A (DES)HUMANIDADE EM CRÔNICAS DO CAPITAL TO BE OR NOT TO BE HUMAN? (IN)HUMANITY IN CHRONICLES OF CAPITAL

[10.29073/naus.v5i2.837](https://doi.org/10.29073/naus.v5i2.837)

RECEÇÃO: 29 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 14 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 29 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Antonio da Silva , Universidade de Coimbra e Universidade Aberta, Portugal, [aczsilva18@gmail.com](mailto:aczsilva18@gmail.com).

### RESUMO

No Tempo Presente, o contexto de severas crises estruturais impulsiona que as artes expressem críticas sociais contundentes. Com base na Teoria Crítica e Estudos Culturais Marxistas, as escolhas pela produção literária do absurdo e da ficção têm sido a profícua fonte para buscarmos, no sentimento da dialética, o nuclear alerta para os perigos da História escrita unicamente pelos vencedores ou hegemônica. A partir de abordagem qualitativa e documental escrita e divulgada nas últimas décadas, esse artigo se propõe analisar características do absurdo como fenômeno do capitalismo — tendo em Asimov, Beckett, Dick, Kafka, Orwell e Saramago a literacia referencial. Como conclusão, ou quiçá um ponto de partida, alerta-se para a relevância dos estudos culturais e da produção literária (incluindo o teatro e o cinema) como formas de interpretação à crítica social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura; Ficção; Literatura; Tempo Presente; Teoria Crítica.

### ABSTRACT

In the Present Time, the context of severe structural crises encourages the arts to express blunt social criticism. Based on Critical Theory and Marxist Cultural Studies, the choice for the literary production of absurdity and fiction has been the fruitful source for us to seek, in the feeling of dialectics, the nuclear alert to the dangers of History written solely by the victors. Using a qualitative and documentary approach written and published in recent decades, this article aims to analyze characteristics of the absurd as a phenomenon of capitalism, taking intellectuals such as Kafka, Beckett, Saramago and Asimov into reference. In conclusion, we draw attention to cultural studies and production in literature and cinema as forms of social interpretation and criticism.

**KEYWORDS:** Critical Theory; Culture; Fiction; Literature; Present Time.

### 1. INTRODUÇÃO

*Ele é feito um homem que esquia no cascalho, para provar, com cambalhotas e arranhões, àqueles que pretendem que o cascalho é neve, que não se trata, realmente, de outra coisa senão cascalho.*

*Günther Anders. Kafka: pró e contra. 2007.*

*O chapeleiro Maluco: — Terei eu ficado louco?*

*Alice: — Receio que sim. Você está completamente enlouquecido. Entretanto, devo revelar-te um segredo. Todas as melhores pessoas são indiscutivelmente loucas!*

*Lewis Carroll. Alice: aventuras no País das Maravilhas. 2015.*

Consoante Heidegger, “viver é estar no Mundo” (2014). Sob o estigma de um sistema no qual as pessoas são alienadas de sua própria subjetividade — os objetos adquirem aura sensível — parece-me que a assertiva do filósofo



alemão precisa ser analisada sob as lentes da dialética, do necessário estranhamento imposto à condição humana na sociedade produtora de mercadorias. Isto porque, para ser aceito e reconhecido como “ser humano” nesta organização social, viver é uma constante necessidade de ser “coisa” — passível de consumo e elemento para/de produção. Portanto, não ser “pessoa”.

Podemos definir tal estado das “coisas” como *deslucamento*<sup>1</sup>, que em consonância com a lógica irracional do Mercado, é viver um infundável “vir ao Mundo” para ser aceito como igual no processo de dessensibilização, de perda ou não reconhecimento da nossa humanidade. Em outras palavras, um contínuo movimento alienado de conclusão em que a metamorfose dos sujeitos em predicados deixa de ser motivo de espanto e passa a ser, acriticamente, aceita por todos. Essa “realidade”, por conseguinte, torna impossível interpretar as mudanças do mundo — administrado por outrem — e que atendem aos anseios de valorização do valor como um fim em si mesmo<sup>2</sup>. Deste modo, o objetivo desse texto é descrever e analisar a noção de capitalismo tardio e a influência desumanizadora das e sobre pessoas através da reificação.

São alterações estruturais não pautadas pelos desejos humanos de transformação social se aceitarmos essas “vontades” em conformidade com a tese aristotélica de comunhão em favor do bem comum, de satisfação dos anseios projetados em objetos pré-determinados e indissociados da busca pela verdade humana deste mundo inumano. Assim, viver ou sobreviver na atual conjuntura tornar-se-ia questão metafísica, pois compreender o Mundo exige apurar o fundamental da realidade; interpretar nas relações dialéticas entre a necessidade e a possibilidade (a mente e a matéria) o que é a existência humana em uma sociedade regida pela criação de valor ilimitado sob a base de recursos limitados. Não obstante, da formulação histórica em que a condição humana coaduna com o não viver, mas sob a sombra do vivido por alguém circunstancialmente alheio ao legado pelo passado. Tal situação se refere à própria banalidade, o mal pensar — parafraseando Hannah Arendt (2022) — a farta aceitação desta “farsa realidade” que orienta a sobrevivência àqueles/las que habitam no mundo, mas não podem reivindicar mudanças significativas na estrutura normativa (leia-se hábitos e costumes) porque estão alienados do sistema de regras pré-julgadas.

Destarte, por meio da deformação da realidade — talvez inconsciente, mas não desprovida de finitude niilista<sup>3</sup> — não há como ser incorporado no Mundo ao não ser por meio do trabalho em sua forma abstrata. Tal absurdo, o aceitar acrítico da não existência, coaduna com a incoerência em pertencer neste Mundo baseado na valorização do valor<sup>4</sup> — na criação da riqueza paradoxalmente dependente da força de trabalho humano, mas que perdeu sua humanidade ao tornar-se a história das “coisas” para confecção de “mais-coisas”. Assim posto, para apreender criticamente as contradições envolvidas na formulação desta narrativa — não desprovida de interesses —, estar de fora pode propiciar o surgimento de outro devir ainda inexistente.

---

<sup>1</sup>Conceito tomado de empréstimo de Günther Anders para classificar a literatura de Franz Kafka. A pretensão é apreender nas características do absurdo o fenômeno do capitalismo como elemento de dominação e paralisia social. Pode ser referenciado como expressão advinda do húngaro Martin Esslin (1918–2002) ao descrever, em finais dos anos 50, peças teatrais que enfatizavam eixos como descrença, desolação, solidão e incomunicabilidade.

<sup>2</sup>O que Karl Marx, nos estudos sobre a essência da Economia Política, desnuda como a teleologia do capital ao apontar para as contradições inerentes ao processo de valorização limitada do desenvolvimento das forças produtivas humanas como fonte substancial deste mesmo valor.

<sup>3</sup>Em consonância com a tese hegeliana de “juízo infinito” (1992), no qual o sujeito somente adquire consciência de si ao se realizar no outro (relação sujeito-sujeito em contraposição a sua metamorfose em “coisa”, predicado mercadoria). Entretanto, sem negligenciar que no desejo de suplantir o plano existencial constituído por outrem, o seu projeto de auto-afirmação precisa superar o ceticismo temporal de estar parado, não necessariamente existir, neste mundo.

<sup>4</sup>Na criação da riqueza paradoxalmente dependente da força de trabalho humano, mas que perdeu sua humanidade ao tornar-se a história das “coisas” para confecção de “mais-coisas”.



A literatura do absurdo e da ficção<sup>5</sup> têm sido a profícua fonte para buscarmos, no sentimento da dialética, o nuclear alerta para os perigos da História escrita unicamente pelos vencedores desta moderna batalha de Pirro, na qual a estupidez humana confere ao banquete do triunfo o incontestável galardão de batatas.

Nas personagens<sup>6</sup> que flertam com o absurdo podemos apreender, na tensão entre os sujeitos e as “coisas”, elementos fundamentais para desvelar a fragilidade de um sistema em que não há futuro. Apenas o amanhã resultante do hoje ininterrupto e indissociável das sombras do incompleto passado.

O Quixote de Cervantes, herói compassivo e receptáculo dos mais profundos e éticos sentimentos humanos, é uma ótima referência deste paradoxo histórico do sujeito moderno. Isto porque, o cavaleiro espanhol ao assumir as vestes de um tempo que já passou, vive sem ser aceito pelas normas deste mundo que permanece inconclusivo no presente (para manter a perspectiva heideggeriana).

Ao ser ignorado na sua essência humana, demasiadamente desumana na perspectiva do Mercado, o fidalgo da Mancha torna-se sujeito não existente que formula perguntas impossíveis de resolução sem romper com a negatividade da mercantilização da Vida em reflexos etéreos no espelho. Dom Quixote, neste contexto, torna-se o antecessor literário do absurdo: “Acho que não podem me escutar”, continuou, baixando mais a cabeça, “e tenho quase certeza de que não podem me ver. Alguma coisa me diz que estou invisível” (Lewis Carroll, 2014, p. 109).

Alice ou Quixote? Ambos representam, sob a égide do capital, a alegoria da nossa incapacidade compreender e transformar o Mundo existente. Isso se negligenciarmos o “juízo infinito” do espírito e, tal como observadores despretensiosos, dissecarmos das entranhas do sistema as suas próprias contradições para aprimorar a nossa visão panorâmica sobre o vasto oceano do social.

*Sob tais circunstâncias mesmo uma proposição adquire um rosto e, este rosto assemelha-se àquela da proposição oposta. Assim, cada verdade remete de maneira evidente a seu contrário, e com base neste fenômeno explica-se a dúvida. A verdade torna-se algo vivo, existindo apenas no ritmo em que a proposição e seu contrário trocam de lugar para se pensarem (Benjamin, 2009, p. 463).*

E, para aprimorar nossa visão panorâmica do social, quicá encontremos na literatura aludida os vestígios de um caminho incongruente com a realidade imposta, mas imprescindível para restabelecer conexões com a verdade na humanidade perdida.

## 2. METAMORFOSE OU DESUMANIZAÇÃO? O ESTIGMA DO CAPITAL

O sujeito metamorfoseado em predicado deveria provocar espanto, no mínimo incômodo. Mas, sabemos que, desde a odisséia de Gregor Samsa, confinado em um minúsculo cômodo familiar, o espantoso é continuarmos a depositar todas as nossas esperanças em um sistema desprovido de razão e compromisso com a Vida. O inseto, em Kafka, causa mais ojeriza do que a visão de corpos humanos serem moídos nas máquinas do progresso que alimentam a civilização industrial.

*Senhor Samsa — bradou então o gerente, elevando a voz —, o que está acontecendo? O senhor se entrincheira no seu quarto, responde somente sim ou não, causa preocupações sérias e desnecessárias aos seus pais e descarta — para mencionar isso apenas de passagem — seus deveres funcionais de uma maneira realmente inaudita [...] Estou perplexo, estou perplexo [...] Nos últimos tempos seu rendimento tem sido*

<sup>5</sup>Associadas aos escritos de Franz Kafka, George Orwell, Jack London, Isaac Asimov, Philip K. Dick e Samuel Beckett — para citar os autores mais conhecidos —, mas sem olvidar do cânone “Dom Quixote” (Cervantes).

<sup>6</sup>São os sujeitos da História “coisificados” no pretérito imperfeito do indicativo.



*muito insatisfatório; de fato não é época de fazer negócios excepcionais, isso nós reconhecemos; mas época para não fazer negócio algum não existe, senhor Samsa, não pode existir. (Kafka, 2011, p. 237)*

Se civilização é barbárie, as pétalas de Rosas continuam a afogar-se em rubras poças da monetarização humana para amenizar (com êxito não garantido) o insaciável apetite das máquinas na escravidão moderna. O que mais surpreende, entretanto, é a incapacidade de Samsa — na forma inseto — cumprir com suas metas de produtividade na efêmera venda de ilusões.

*— Bem — disse Gregor, consciente de que era o único que havia conservado a calma —, vou logo me vestir, pôr o mostruário na mala e partir de viagem. Vocês querem mesmo me fazer partir? [...] Pode-se no momento estar incapacitado para trabalhar, mas essa é a hora certa para se lembrar das realizações passadas e para se pensar que mais tarde, uma vez superados os obstáculos, sem dúvida se vai trabalhar com mais afinco e forças mais concentradas. Devo muita obrigação ao senhor chefe, isso o senhor sabe muito bem. Tenho por outro lado de cuidar dos meus pais e da minha irmã. Estou num aperto, mas sairei dele trabalhando. (Op. Cit., 2011, p. 242)*

O ser inseto, em constante conversa *per si*, se entende (ainda) como partícipe do processo de produção/consumo, mas permanece inconsciente em relação ao que deveria ser como humano. Consoante o supra aludido por Heidegger, ele divaga sob o dilema de estar ausente no mundo ou ser partícipe da construção de outro Mundo para além do (suposto) existente.

*Com mais precisão: o existente, o mundo tal como parece ao estranho (ou seja, estranho); e o esforço desesperado do não-existente (ou seja, daquele que não pertence) para ser aceito pelo mundo. (Anders, 2007, p. 29).*

Como podemos constatar, na linguagem literária (poesia ou prosa), a condição humana torna-se o estopim para perscrutarmos as camadas (ainda) insondáveis do desespero transformado em alienação do espírito e escravidão de corpos e mentes. A metamorfose da liberdade em um nada absoluto quando o que se sobressai é a mercantilização de todos os aspectos da Vida.

Viver, em tais circunstâncias, adquire aura de insensatez se o seu maior desígnio for existir para criar valor abstrato (leia-se “mais dinheiro”). Existir porque já se está por aqui, sem nenhum sentido e/ou compromisso com o aprimoramento do próprio indivíduo e suas relações (naturais e históricas).

Um eterno retorno ao ponto de origem, mas alienado de memória ou reconhecimento temporal desta Odisséia para lugar algum. O que podemos constatar, por exemplo, nas personagens principais de “A espera de Godot” (Beckett, 1952), que nos fazem questionar a fragilidade da condição humana em um mundo voltado à valorização das “coisas” em um ambiente de barbárie de/para as gentes.

Sem o crivo da razão crítica, os crentes Estragon e Vladimir atribuem a Godot a esperança messiânica para romper com o ciclo de exclusão e não reconhecimento que estão submetidos. Não atentam, entretanto, que a inserção no processo civilizatório é a própria personificação da barbárie, não a sua supressão.

*Quando os seres humanos se despregam do movimento totalitário do fim em si mesmo capitalista, isto é, quando não podem mais ser sujeitos nesse sentido eles até mesmo perdem a “capacidade de ser reconhecidos” como seres humanos meramente abstratos, deixando de ser, conforme aquela definição, seres humanos em geral (Kurz, 2003, p. 4).*



Almejar a liberdade na forma mercadoria tem um elevado e irremediável custo social: a metamorfose da própria existência. A questão, mais uma vez, é metafísica: se não há nada a fazer, como insetos ou errantes neste mundo, a solução é esperar apaticamente por um elemento de redenção externo.

*ESTRAGON — Achas que temos de voltar amanhã?*

*VLADIMIR — Acho.*

*[...]*

*ESTRAGON — Didi.*

*VLADIMIR — Sim.*

*ESTRAGON — Não posso continuar assim.*

*VLADIMIR — É isso que tu pensas.*

*ESTRAGON — E se nos separássemos? Talvez fosse melhor para nós.*

*VLADIMIR — Amanhã enforcamo-nos. (Pausa.) A não ser que venha Godot.*

*ESTRAGON — E se vier?*

*VLADIMIR — Estamos salvos. (Beckett, 2018, p. 124)*

Se vier, como eles alimentam a vã esperança, virá como salvação ou como outra forma de resignação?

Em um virar de páginas nós saberemos, pois na dramaturgia de Samuel Beckett encontramos a forma social para questionar a falta de sentido da existência e o papel imprescindível da memória para restabelecer a linearidade do tempo. Do fazer história ou interrompê-la quando os sinais da crise são irrefutáveis para manutenção da espécie humana na Terra.

*ESTRAGON — Então, vamos?*

*VLADIMIR — Arrume as calças.*

*ESTRAGON — O quê?*

*VLADIMIR — Arrume as calças.*

*ESTRAGON — Tirar as calças?*

*VLADIMIR — Ar-ru-me as calças.*

*ESTRAGON — É mesmo.*

*Arruma as calças. Silêncio.*

*VLADIMIR — Então, vamos embora.*

*ESTRAGON — Vamos lá.*

*Não se mexem.*



Descem as cortinas e não se encerra o espetáculo. O sentimento de desilusão persiste, mas, parafraseando o dramaturgo, se eu que não estou aí — na vastidão perdida do Mundo — não sei onde estou, sinto que a humanidade se desmancha em algoritmos em frente ao meu computador.

### 3. ANDROÍDES SONHAM COM PAIXÕES HUMANAS OU A DESUMANIZAÇÃO ANGARIOU FUNDOS?

A partir dos anos 1940, com o recrudescer da ameaça nuclear, o processo de desumanização ganhou um curioso adepto, os próprios seres desumanizados que — a todo o custo — buscam ser inseridos no processo de exploração social do capital. Confirmando a tese de que “a desumanização não espanta aos desumanizados porque não forma parte de suas atribuições” (Anders, 2011, p. 56). Indiferentes se para isso tenham que se submeter à lógica da automatização. Para ganhar a vida, sob o jugo da mercantilização de todos os aspectos da não vida, a dialética torna-se negativa ao evidenciar as contradições do próprio capital em acelerar o processo de racionalização eliminadora de trabalho. Isto ao mesmo tempo em que busca aumentar a competitividade através da expansão tecnológica.

Mais do que um *dejà vu*, é um *dejà lu*. Com um vantajoso adendo, os escravos modernos não são alienados de sua capacidade de julgamento e reflexão por outrem, perdem-nas *per si*. Ambicionam a liberdade na possibilidade de cambiarem sua força de trabalho (músculos e cérebros) no Mercado, mas negligenciando que tal autonomia é o logro da inserção social. Tornam-se pessoas “coisificadas”, espécies de robôs sem almas, destituídas de razão crítica. Seres dessensibilizados de toda e qualquer realidade subjetiva em um simulacro existencial que assimila, através do *vide ab alio macchina*, a verdade deste Mundo. Digo robôs em consonância com a perspectiva histórica, considerando a identidade semântica comum das palavras *robot* e trabalhador como ferramentas de/para o exercício laboral. Deste modo, voltados à pena e ao sofrimento equivalentes na Antiguidade (Grupo Krisis, 2017).

Entretanto, com suporte do fetichismo cristão do sofrimento, a filologia moderna consagra o trabalho em culto e admiração ao torná-lo o fundamento para realização de riqueza.

*Já não se tratava da definição geral de “o que faz o escravo”, mas da queima de energia humana pura e simples, indiferente a qualquer conteúdo da produção: “trabalho abstracto” (Marx), reificado como “substância” do dinheiro. Não, porém, para o prazer, mas sim, reacoplado a si mesmo na forma de capital, como imperativo de fazer sem cessar de um dois táleres, euros, dólares etc. Os indivíduos “livres” foram transformados em “ferramentas falantes” ou “robots” ao serviço deste fim em si mesmo social, situação em que a “força de trabalho” se torna uma mercadoria, tornando-se por isso o mercado uma relação totalitária. (Kurz, 2010, p. 1)*

A incógnita se mantém. O medo de um colapso nuclear, acrescido do caos ecológico e energético que semeiam as incertezas do século XXI, ao invés de estimular a busca por alternativas sistêmicas para além do capital (como fundamento da sociedade) volta às costas para a possibilidade de realizar outro mundo possível. À semelhança do “*Angelus Novus*”,

*Ele tem seu rosto voltado para passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade (Benjamin, 2020, p. 87)*



Passados mais de 80 anos, desde o lançamento desta obra visceral sobre a modernidade<sup>7</sup>, a vitória do Progresso é uma armadilha para o desenvolvimento. O Mundo, com a inovação tecnológica (científica e econômica) rompe com (quase) todas as barreiras para alcançar as metas de crescimento econômico. Suprime culturas, ao recriar/inventar tradições, e asfixia pensamentos em contraposição à ordem vigente. Não questionar o estado das “coisas” é o lema; fazer a máquina capitalista (em suas inúmeras facetas) continuar em sua trajetória de ilusões sem fim é o objetivo.

O que remete à lembrança da distopia orwellina (“1984”) que alertava sobre os perigos da massificação social em seres amorfos e submetidos ao controle (mais uma vez messiânico) do capital. O objetivo é reescrever ou reinventar a história para controlar a realidade, como atroz descobriu Winston Smith, a personagem principal do romance:

*Esta a última sutileza: induzir conscientemente a inconsciência e depois, mais uma vez, tornar-se inconsciente do ato de hipnose realizado [...] O passado, refletiu ele, não fora simplesmente alterado; na verdade fora destruído. Pois como fazer para verificar o mais óbvio dos fatos, quando o único registro de sua veracidade estava na memória — que em breve seria aniquilada também [...] Quem controla o passado controle ao futuro; quem controla o presente controla o passado (Orwell, 2009, pp. 47–48).*

A intenção não poderia ser mais transparente,

*Winston não sabia em detalhe o que acontecia no labirinto invisível a que os tubos pneumáticos conduziam, mas tinha uma visão geral da coisa. Depois de efetuadas todas as correções a que determinada edição do Times precisava ser submetida e uma vez procedida a inclusão de todas as emendas, a edição era reimpressa, o original era destruído e a cópia corrigida era arquivada no lugar da outra. Esse processo de alteração contínua valia não apenas para jornais como também para livros, periódicos, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, trilhas sonoras, desenhos animados, fotos — enfim, para todo tipo de literatura ou documentação que pudesse vir a ter algum significado político ou ideológico. (Op. Cit., 2009, p. 54)*

Neste contexto, o indivíduo será excluído do processo se não estiver concentrado nas diretrizes de/para o Mercado. Perderá, se alguma vez o teve, o seu reconhecimento como ser humano sob a jurisdição da forma mercadoria. Será despossuído de sua condição de igualdade, pois cada sujeito-mercadoria, em conformidade com as regras de produção e consumo, obtém um identificador social consoante suas atribuições para criação de substância para o capital.

Na obscura comunhão social cada pessoa se torna gestor de si mesmo. Profissões, carreiras e trabalhos transformam-se em sinônimos de/para valorização do valor em detrimento da realização e aprimoramento humano. Enfim, uma armadilha sem qualquer saída frente às contradições da sociedade do capital. Uma fábula moderna, pequena na exposição, grandiosa na aterradora essência kafkaniana.

*“Ah”, disse o rato, “o mundo torna-se a cada dia mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via à distância, à direita e à esquerda, as paredes, mas essas longas paredes convergem tão depressa uma para a outra, que já estou no último quarto e lá no canto fica a ratoeira para a qual eu corro.” — “Você só precisa mudar de direção”, disse o gato e devorou-o. (Kafka, 2011, p. 171)*

Com uma sensível diferença. O gato, nesta história, pode ser automatizado. Pode controlar a (re)produção social de seres robotizados para composição da nova alma do Mundo: o dinheiro sem valor. E, nesta crônica da desumanização,

---

<sup>77</sup>Trata-se do livro “Sobre o conceito de História”, última obra de Walter Benjamin elaborada entre os anos de 1939/1940 e somente publicado após sua morte.





o ser humano (reconhecido apenas na forma mercadoria) perde sua relevância objetiva face aos limites da valorização.

#### 4. SER HUMANO É UMA EXIGÊNCIA ÉTICA?

Na literatura do absurdo e/ou da ficção o entusiasmo acrítico com relação ao avanço do Progresso preenche o imaginário popular desde H. G. Wells (“Máquina do tempo”, 1895), passando pelo “Homem bicentenário” de Isaac Asimov (1976), ao clássico “2001: uma odisséia no espaço”, de Arthur C. Clarke (1968).

Não obstante, não podemos olvidar do inestimável contributo de Philip K. Dick para o nosso divagar filosófico sobre a natureza humana. Distinguido mundialmente por contos como “Andróides sonham com ovelhas elétricas?” (1968)<sup>8</sup>, “O homem do castelo alto” (1962) e “Valis” (1981), o autor norte-americano manteve em toda sua obra uma constante abordagem sobre a dicotomia “homem/máquina”. Na sua perspectiva, se a criação de instrumentos mecânicos e dispositivos tinha por objetivo reduzir as tarefas mais árduas ou ignóbeis dos humanos, a *mimesis* imposta pelo criador poderia deturpar a sua própria essência.

Em 1972, na convenção de Ficção Científica de Vancouver, realizada na Universidade de British Columbia, Dick manifestou suas preocupações com o nosso devir histórico ao estabelecer uma linha tênue entre a natureza humana e constituição do andróide. Partindo do pressuposto da nossa insaciável busca pelo desconhecido, formula a seguinte questão: nas viagens planetárias quem seriam os tripulantes mais capazes e dispensáveis, seres humanos ou andróides? Com uma perspicaz avaliação do Progresso, esse questionamento implica apreender na ética o parâmetro para desenvolver ações voltadas à inovação técnica e científica. Isto tendo em conta as lições do passado recente — incursões exploratórias por novas fontes de riqueza — que não necessariamente buscavam equilibrar a sustentabilidade econômica com a preservação da vida.

*As nossas aspirações não devem ser dirigidas para as estrelas, mas para a natureza dos nossos seres. Porque não importa apenas para onde vamos, para Alfa do Centauro ou para Betelgeuse, mas antes aquilo que somos quando para lá damos rumo às nossas peregrinações. As nossas naturezas também farão a viagem. Ad Astra — mas per hominem. Nunca devemos perder isto de vista (Dick, 2006, p. 40)*

Entretanto, em pleno século XXI, a realidade é determinada pelo avanço tecnológico dedicado à criação de valor em detrimento do desenvolvimento humano (como partícipe pleno do ambiente e das relações sociais que o permeiam). O que confirma a nossa preocupação com fragilidade da condição humana sob a égide do capital, pois se precisamos de um controle externo para preservação da Vida não podemos descurar que *lupus est homo homini lupus*<sup>9</sup>.

Corroborando com essa leitura pessimista da História, encontramos no prêmio Nobel de Literatura (1998), José Saramago, uma provocativa orientação dialética. O escritor português atribui à deformação da condição humana o equívoco no processo de hominização do sistema de produção social do capital. Não que o escritor português tenha abarcado o fenômeno da robótica em seus estudos, mas ao se deparar com o fenômeno na barbárie em todas as fases de “aperfeiçoamento” civilizacional, ele se defrontou com a decadência da espécie humana traduzida em intolerância, individualidade e injustiças perpetradas em nome da criação de valor abstrato. Da apropriação e coisificação do trabalho do Outro para atender a irracional lógica da competitividade.

Em “Ensaio sobre a cegueira” (1995) a metáfora da vida sem sentido é refletida através de um surto de perda de visão na população mundial. Nesta distopia moderna, ao invés da comunhão de interesses para preservação da vida comunitária prevalecer, o egoísmo e a insanidade desnudam o colapso civilizacional. Se para ser reconhecido, o

<sup>8</sup>Que serviu de inspiração para Ridley Scott produzir e dirigir a película de culto “Blade Runner”, em 1982.

<sup>9</sup>“O homem é o lobo do homem, e do não homem, quando desconhece que é o outro” (Leviatã, 1651).





sujeito precisa estar condicionado às regras de produção/consumo, a prioridade venal suplanta a humana. Sem embargo, o correspondente ético — sob a égide do capital — passa condicionar as decisões sociais.

Encontramos nos dois autores supracitados um paralelo na compreensão das idiossincrasias do ser humano submetido à lógica da venalidade.

*As pessoas raciocinam de uma maneira muito simples: se há desemprego e se há imigrantes, automaticamente o desemprego seria menor se eles fossem embora. Isso demonstra que o ser humano não é bom. A bondade no ser humano é, na maior parte dos casos, uma questão de interesses próprios. Só em casos raríssimos é efetiva generosidade e bondade real. (Saramago, 2010, p. 145)*

Em Philip K. Dick, a linha tênue que separa a realidade da ficção é a confirmação da inexistência de consciência política em um Mundo destinado ao irracional processo de competição por mais poder (ênfase no econômico)

*Se, como tudo indica, estamos a tornar-nos uma sociedade totalitária em que o aparelho de Estado é todo-poderoso, a ética mais importante para a sobrevivência do indivíduo humano e verdadeiramente livre é então: engana, mente, evita e finge, vai para outro sítio, falsifica documentos, constrói na tua garagem aparelhos eletrônicos melhorados que permitam ludibriar os aparelhos usados pelas autoridades. (2006, p. 49).*

Se estamos impossibilitados de visualizar outro horizonte do possível, entregues a banalização em suas múltiplas formas, o pensar em favor do coletivo e bem viver aristotélico estão fadados ao fracasso. A metáfora da liberdade, do romper com os grilhões do terror sob o capitalismo, não passa de pretexto para negar nossa condição de seres humanos metamorfoseados em coisas para construção de outras coisas em um nefasto processo de girar a máquina de criação de riqueza até a morte.

Na sociedade produtora de mercadorias não há tempo para morte, tampouco para o luto. Seremos todos substituídos por seres aperfeiçoados contra as intermitências da morte em pesadelos éticos. Nesta tragédia moderna questionar os “deuses do dinheiro sem valor” é um ato revolucionário que exige o despertar do estado de torpeza operacional.

*O espetáculo do mundo está aí, e é uma coisa de arrepiar. Vivemos ao lado de tudo o que é negativo como se não tivesse nenhuma importância, a banalização do horror, a banalização da violência, da morte, principalmente se é a morte de outros, claro [...] Enquanto não despertar a consciência das pessoas, isso continuará assim. (Saramago, 2010, p. 146)*

Como atributo (originalmente) humano, para uma revolução nos costumes precede uma reconfiguração ética civilizacional. O que Saramago entende como o resgate das premissas humanistas, da racionalidade iluminista que se desencadeou nas grandes revoluções do século XVIII e foram fundamentadas no tripé “liberdade, igualdade e fraternidade”. Paradoxalmente, entretanto, deram asas para o vôo cego do Progresso. Um empreendimento eticamente infrutífero se as circunstâncias que desvelam a capacidade de intervenção humana não forem totalmente modificadas para evitar que os sonhos de liberdade sejam metamorfoseados em pesadelos da servidão moderna.

## 5. O ANDROÍDE POSITRÔNICO OU PROMETEU HUMANÓIDE

*Minerva: teu ódio é injusto!*

*Eternidade, poder, sabedoria e amor*

*São trunfos dos deuses.*

*Goethe. Prometeu. 2010.*



Será possível que, parafraseando Orwell (2009), nos encontrarmos no lugar onde não há escuridão? Não mais como humanos, na acepção da palavra, mas como andróides com capacidade para sentir e resgatar a capacidade perdida de humanidade? Parece ficção, no sentido de contraposição à realidade, mas não é. Desde que tenhamos como perspectiva a tecitura das motivações humanas na intrincada rede de emoções que culmina no fazer história. Sem negligenciar as circunstâncias estruturais que permeiam a sociedade produtora de mercadorias e os limites técnico-científicos para exploração de recursos e geração de riqueza.

Riqueza aqui entendida como multiplicação exponencial de dinheiro. Essa lógica irracional que movimento o sistema produtor de mercadorias, mas que se submetida à sua forma substancial (o trabalho humano abstrato) carece de fundamentação frente ao atual estágio de crise sistêmica após o fenômeno da terceira revolução industrial, o da microeletrônica, no qual

*O potencial de racionalização é agora tão grande que continuamente se torna supérfluo mais trabalho do que aquele que pode ser absorvido adicionalmente na valorização através do aumento da produção de mercadorias. Apesar do aumento da quantidade de mercadorias, diminui rapidamente a substância de trabalho social “válida” no standard de produtividade da microeletrônica e conseqüentemente a crise assume um caráter estrutural. (Kurz, 2015, pp. 78–79)*

O que resulta em derrocada social e aumento expressivo das taxas de desemprego em nível global. Dessa maneira, cada vez mais seres humanos (coisificados em mercadorias) são excluídos do processo de produção/consumo por não serem rentáveis. E, nesta constante atualização do darwinismo social o futuro encontra-se em uma encruzilhada: recuperar o tempo perdido com a realização de outro modo de produção e, por conseguinte, da Vida; ou assumir a impossibilidade de retardar o relógio do fim do Mundo por intermédio da universalização da barbárie. Para tanto, o resgate da razão é imprescindível para fomentar uma nova crítica social que possa conciliar a interpretação com a transformação do Mundo (realidade existente). O primeiro passo é desvelar a característica dupla do trabalho que sob a égide do capitalismo se tornou a condição humana eterna e não uma abstração real sistêmica.

A falácia do trabalho, neste contexto, se esgota frente ao limite interno da própria substância da valorização (que é a forma mercadoria da força de trabalho).

*Por isso, a esperança por um novo surto de acumulação é bastante ingênua. A partir de agora, fica claro que a autocontradição fundamental, segundo a qual essa sociedade se baseia na transformação incessante de quanta abstratos de trabalho em dinheiro, chegou a um ponto no qual não se pode mais mobilizar rentavelmente quanta suficientes de trabalho no patamar dos padrões de produtividade, criados pela própria sociedade. (Kurz, 1997, p. 113)*

Esse problema estrutural somente será corrigido através de medidas estruturais que atentem para a fragilidade da valorização sustentada na barbárie, na desumanização. A literatura, do absurdo da ficção, mais uma vez fornece fontes inesgotáveis de/para consagração de novos conceitos de transformação social frente ao contínuo paradoxo do Progresso. Destaque para Isaac Asimov. Em “Eu, robô” (1950), o escritor nova-iorquino, nascido na Rússia, apresenta um futuro que, cada vez mais próximo, se dilui no pretérito imperfeito do indicativo. O ano é 2056, o Mundo está dividido em quatro regiões (cinco se considerarmos o continente desabitado, a Antártida). Em decorrência da inovação robótica, por intermédio de uma Máquina central a sustentabilidade econômica é a regra, não há escassez de recursos e tampouco problemas de ordem social.

A sonhada paz perpétua kantiana enfim tornou-se realidade. O temor bélico-nuclear consta apenas nos livros de História e o poder — anteriormente alienador das questões de raças, gêneros, étnicas e territoriais — foi substituído por uma conformação democrática que tem na premissa da ética humanitária o cerne republicano interestelar. Os problemas de limitação de recursos energéticos e fontes de alimentação foram suplantados. O caos ambiental e



energético superado pela evolução biotecnológica e a revolução na inteligência artificial. Conseguiu-se eliminar os fantasmas totalitários que assombravam a população mundial da Era atômica. Não por completo, esse é o drama da condição humana, pois a desconfiança com a possibilidade de a gestão mundial ser exercida por uma máquina positrônica põe em dúvida o que caracteriza o ser humano neste admirável Mundo Novo. Os novos fundamentalistas, organização que atende pelo nome de “A Sociedade pela Humanidade”, apesar da pequena representação numérica, soma em suas fileiras os próceres descendentes de proprietários industriais e do agronegócio.

*A ela pertencem homens com ambição. Homens que se consideram fortes o suficiente para decidirem por si mesmos o que é melhor para outros [...] Resumindo, só os homens que, recusando em conjunto aceitar as decisões da Máquina, conseguem num curto período, virar o mundo às avessas; só esses homens é que pertencem à sociedade. (Asimov, 2022, p. 267)*

E utilizam sua influência para tentar

*Impedir a U.S. Robots de contratar robôs positrônicos, alegando concorrência laboral desleal etc. A Sociedade pela Humanidade é anti-máquina... (Op. Cit., p. 250)*

A U.S Robots & Mechanical Men é a única detentora dos direitos para fabricação e alocação de andróides. Conseguiu estabelecer, em seus 75 anos de existência, a almejada harmonia entre a tecnologia e a Vida no Universo. Foi a pioneira na criação de cérebros positrônicos e desenvolvimento de robôs de grandes dimensões para suprir as necessidades de busca, extração e transformação de energia nos diversos rincões do sistema interestelar.

É de suma relevância destacar que, em plena década de 1950, Asimov já antecipava os problemas advindos da irracionalidade empresarial. A busca incessante por maior rentabilidade, através da ampliação de mercados e a inovação tecnológica, sem atentar para o papel imprescindível do trabalho abstrato humano como substância (a mais valia), fomenta o incontestável desemprego dos seres humanos não rentáveis.

*Se uma ordem social agrava permanentemente o catálogo das suas exigências e exclui cada vez mais seres humanos, tal constitui um indício de que ela atingiu os limites imanentes na sua constituição fundamental, como modo de produção e de vida. Trata-se, pois, de uma crise estrutural das formas que constituem a base da sua reprodução, cegamente pressupostas por norma. (Kurz, 2015, p. 71)*

Na perspectiva sutil do livro,

*Cinco dos diretores da World Steel são membros da “Sociedade pela Humanidade” e a World Steel sofre de produção em excesso. A Consolidated Cinnabar, que minerava mercúrio em Almaden, era uma preocupação para região Norte. Os seus registros ainda estão a ser investigados, mas pelo menos um dos homens em causa era membro. O Francisco Villafranca, que, sozinho, conseguiu atrasar o Canal Mexicano em dois meses, era membro, já o sabemos; e também o era o Rama Vrasayana, o que não me surpreendeu minimamente [...] Estes homens, devo sublinhar, agiram todos mal... (Asimov, 2022, p. 267)*

O que surpreende, na ficção de Asimov, é que mesmo os problemas estruturais sendo sanados<sup>10</sup> a vontade de/para exercer o poder demarca o terreno das contradições humanas. O que poderia despertar o Leviatã — em caso de ínfimos deslizes operacionais no planejamento, circulação e distribuição da produção. Não na figura dos antigos Estados nacionais, mas na revolta daqueles que perderam a sua posição decisiva no leme da História (intergaláctica)

---

<sup>10</sup>A Máquina Positrônica conseguiu equilibrar as necessidades e apetites materiais com a racional exploração de recursos, além de consolidar a almejada proposição keynesiana do pleno emprego.



e permanecem irracionalmente devotos da oligarquia das normas (leia-se, exploração/exclusão social) em detrimento da razão voltada à legitimidade ética e alteridades da espécie humana.

Se, tal como afirma uma das principais personagens do livro (a doutora em robopsicologia Susan Calvin), já não há mais bárbaros para destruírem civilizações, temos que estar atentos se a barbárie incontida reflete o nosso arquivo genético (DNA<sup>11</sup>) ou compõe parte de nosso suplemento protéico (RNA<sup>12</sup>). O alarme de catástrofe social é inconteste, “nós somos bem capazes de ser os nossos próprios bárbaros” (ASIMOV, 2022, p. 260).

Conscientes deste alerta, o que o futuro nos reserva é a continuidade do mesmo até a derrocada final ou seremos capazes de interpretar as contradições sistêmicas e travar o motor do progresso em dissociação com o desenvolvimento da humanidade?

Poderíamos seguir a orientação do livro e deixar a questão nas mãos do destino.

*Lembre-se de que, afinal, de agora até o final dos tempos, todos os conflitos são evitáveis. De agora em diante, apenas as Máquinas são inevitáveis! [...] — E isto é tudo — declarou a Dra. Susan Calvin, erguendo-se. — Vi tudo desde o começo, quando os pobres robôs não podiam falar, até o fim, quando servem como baluartes, postados entre a humanidade e a destruição. Nada mais tenho a ver. Minha vida terminou. Cabe a vocês ver o que virá no futuro. (Op. Cit., p. 275)*

Não há equívocos, os dados são matematicamente impassíveis ao erro. Se há equívocos é porque a análise humana foi insuficiente, mas não a da Máquina positrônica. Entretanto, se a Máquina depende dos registros humanos para estabelecer metas/critérios/condições para o processo produtivo, tal dependência pode criar hiatos intransponíveis. Isso, se a Máquina for apenas um apêndice das características imprecisas e mutantes de seu pioneiro criador. O ser humano, falível e adstrito às circunstâncias que lhe são alheias.

Vale a sugestão reflexiva, imaginemos o seguinte cenário. Após anos e anos de aperfeiçoamento, aquele modelo “desajeitado e desprovido de beleza, que cheirava a óleo lubrificante e se destinava ao projeto de minas em Mercúrio, o robô móvel equipado com voz” (*Ibidem*, p. 11) se tornou algo mais próximo daquela perfeição que desafia a nossa vã filosofia.

Em observação constante, o corpo adquire formas cada vez mais humanas e o cérebro se expande para além das fronteiras do conhecimento possível. O protótipo, de mutação em mutação, encerra um ciclo. O fim do robô, em consonância com o sistema de produção social do capital, é o início do humanóide. O andróide adquiriu, na alusão platônica de rompimento com o mito da caverna, a perfeição da alma. Por conseguinte, ele/ela reconhece no antigo criador as peculiaridades do indivíduo que busca na comunhão social o germinar de suas próprias potencialidades e inteligências. Não descurando que do processo de massificação incondicionada da barbárie, a perda de razão/compaixão humana, resultou em guerras de ordenamento e a destruição da Vida em nível global. Tudo em nome da criação de riqueza como um fim em si mesmo.

## 6. CONCLUSÃO OU PONTO DE PARTIDA?

A raiz é a Máquina positrônica, os humanóides suas ramificações visíveis — não necessariamente perceptíveis para os simples mortais. Portanto, em uma sociedade na qual a forma mercadoria foi extinta, o que define o ser humano é a sua capacidade em compreender e respeitar as diferenças em prol da construção contínua de um Mundo melhor.

---

<sup>11</sup>O **DNA** (ácido desoxirribonucléico) é um composto orgânico responsável pelo armazenamento e transmissão das informações genéticas.

<sup>12</sup>O **RNA** (ácido ribonucléico) é uma molécula responsável pela síntese de proteínas das células do corpo. Sua principal função é a produção de proteínas.



Para além do Estado e do Capital como elementos fetichistas de decomposição social. Se neste devir histórico o indivíduo realmente faz a sua própria história, as circunstâncias legadas pelo passado atômico são alertas para apreender que se perdeu o direito a definir a estrada para o amanhã sob a rubrica do valor abstrato. O futuro cabe ao Prometeu pós-moderno. Não aquele ser fantástico elaborado por Mary Shelley, mas o humanóide que conseguiu romper com os grilhões da discórdia que acorrentava a humanidade: o fetichismo do capital.

*A sociedade humana nunca teve o direito, pois esteve sempre à mercê de forças econômicas e sociológicas que, na realidade, não compreende; sob os caprichos do clima e às mãos da guerra. Agora, as Máquinas compreendem todos estes fatores; e ninguém pode detê-las, já que as Máquinas lidarão com eles tal como estão a lidar com a Sociedade (fundamentalistas): tendo, como têm, a maior arma de todas à sua disposição, o controle absoluto sobre a economia. (Asimov, 2022, p. 271)*

Entre a agonia é o êxtase de um futuro (ainda) incerto, me deparo a pensar no apoteótico final da película Blade Runner (ver nota 1). O confronto entre o andróide Roy Hauer e o detetive Rick Deckard é um convite para mergulharmos nas mais profundas camadas que compõem a condição humana. Se pudermos submergir livres do terror rubro que ornamenta a história da humanidade — na qual a economia de guerra é o seu principal estandarte — talvez possamos alcançar a compreensão de que somente a mortalidade nos distingue como humanos.

O embate não será entre os seres humanos e as máquinas, tampouco precisaremos de um *deus ex machina* para redenção. O inevitável é não perecer na jornada pelo desconhecido. Devemos, não obstante, evitar semear o ódio e a injustiça nesta Odisseia ética em busca da compreensão e reconhecimento de tudo que é humano. Afinal, se a eternidade e o poder são exclusividades divinas; a sabedoria, sob o manto da compaixão, será o trunfo dos mortais. Isso se o Prometeu pós-moderno conseguir antever o futuro através da fina superfície que se acomoda ao presente. Se não, tal como lágrimas na chuva, deixaremos de existir.

#### REFERÊNCIAS

- 
- Anders, G. (2007). *Kafka: Pró e Contra. Os autos do processo*. Cosac Naify.
- Anders, G. (2011). *La obsolescência del hombre: sobre el alma en la época de la segunda revolución industrial*. PréTextos.
- Arendt, H. (2022). *Eichmann in Jerusalem: a report on the banality of evil*. Penguin Books.
- Asimov, I. (2022). *Eu, Robô*. Rológio D'Água Editores.
- Beckett, S. (2018). *À espera de Godot: uma tragicomédia em dois actos*. Cotovia.
- Benjamin, W. (2009). *Passagens*. Editora da UFMG e Imprensa oficial do Estado de São Paulo.
- Benjamin, W. (2020). *Sobre o conceito de História*. Alameda Casa Editorial.
- Carroll, L. (2014). *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Martin Claret.
- Carroll, L. (2015). *Alice: aventuras no país das maravilhas*. Zahar Editores.
- Dick, P. (2006). *O andróide e o humano*. Nova Veja.
- Grupo Krisis (2017). *Manifesto contra o trabalho*. Antígona.
- Hegel, G.W. (1992). *Fenomenologia do espírito*. Vozes.
- Heidegger, M. (2014). *Ser e tempo*. Vozes.



Kafka, F. (2011). *Essencial*. Penguin Classics Companhia das Letras.

Kurz, R. (1997). *Os últimos combates*. Vozes.

Kurz, R. (2003). Os paradoxos dos Direitos Humanos: inclusão e exclusão na modernidade. <https://www.marxists.org/portugues/kurz/2003/03/16.htm>.

Kurz, R. (2010). Robótica e trabalho: os pesadelos da consciência reificada. EXIT!. [www.obeco-online.org/rkurz376.htm](http://www.obeco-online.org/rkurz376.htm)

Kurz, R. (2015). *Poder mundial e dinheiro mundial*: crônicas do capitalismo em declínio. Consequência Editora.

Marx, K. (2011). *Grundrisse*. Boitempo.

Orwell, G. (2009). *1984*. Companhia das Letras.

Saramago, J. (2010). *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. Companhia das Letras.

### DECLARAÇÃO ÉTICA

**CONFLITO DE INTERESSE:** Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anônima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.